

# INTRODUÇÃO

Dois homens conversavam num avião. Um deles, um cineasta, se reconheceu como uma pessoa pós-moderna. O outro, um cristão evangélico, pediu que o homem explicasse o que significava ser “pós-moderno”. O cineasta respondeu: “É não ter preconceitos, é aceitar que todos possuem um pouco de verdade, é ter a mente aberta para aceitar o diferente”. O cristão agradeceu pela resposta e antes de sair do avião ofereceu ao cineasta um pequeno exemplar de um plano de salvação. O cineasta fez uma cara esquisita e perguntou. “Isso é coisa de evangélico?”. “É sim”, o evangélico respondeu. “Obrigado, eu não quero”, o cineasta respondeu, “dê para outra pessoa”. O evangélico ficou surpreso: “Mas você não disse que ser pós-moderno é não ter preconceito?”.

O mundo, a sociedade e a cultura são organismos dinâmicos que estão em constante mudança, adaptação e readaptação. Ideologias surgem, desaparecem, ressurgem, convivem mutuamente, se contradizem, se tornam dominantes, caem no esquecimento, e isso tudo com a mesma velocidade dos meios de comunicação modernos. Caso a igreja queira realizar uma obra eficaz de influência e transformação num mundo assim, ela precisa estar atenta para essas transformações. Essa foi uma das grandes funções dos profetas do Antigo Testamento. Eles não eram apenas homens de visão a respeito do futuro, mas também homens que enxergavam muito bem o presente. Esses homens tinham um olho em Deus e outro no mundo e, assim, conseguiam perceber as ações de Deus na História, o crescimento do mal dentro da sociedade e os principais desafios para o povo de Deus daquele período. Embora nem sempre fossem aceitos pelos seus contemporâneos, puderam fazer uma obra de influência duradoura dentro de Israel.

Jesus repreendeu severamente os fariseus por seguirem um caminho oposto, pois eles demonstravam dificuldades em reconhecer o que chamou de “os sinais dos tempos” (Mt 16.3). Eles não conseguiam, ou talvez não

quisessem, entender a situação de sua própria época. Eles eram demorados em reconhecer os sinais de Deus para aquela geração; estavam preocupados demais com seus afazeres e em manter a posição que eles próprios haviam conquistado. Ao desconsiderar o que estava acontecendo em sua geração, eles se tornaram irrelevantes e um peso para as pessoas de seus dias. Tudo o que faziam era manter um esquema fixo de religião superficial que não atendia às verdadeiras necessidades das pessoas.

Esse é sempre o grande risco que a igreja enfrenta. Ela pode ficar tão concentrada nos seus problemas e tarefas internas que se esquece de que há um mundo lá fora, onde pessoas, seres humanos, estão gritando de angústia, vivendo sob o terrível peso da frustração, do ceticismo, do desespero e do conformismo. E mesmo dentro de suas quatro paredes há pessoas cheias de dúvidas, de agressões à fé, de corações endurecidos e absoluta despreocupação espiritual. Quando a igreja se esquece de olhar para Deus e para o mundo, ela corre o risco, como diz Stott, de “responder perguntas que ninguém está fazendo, coçar onde não há coceira alguma, prover bens para os quais não há nenhuma demanda”.<sup>1</sup> Olhando para a história da igreja, percebemos que os religiosos se ocuparam demasiadamente com essas tarefas.

Uma das razões pelas quais muitas igrejas históricas estão vazias em nossos dias não é só porque as pessoas se tornaram apaixonadas por modismos e invencionices modernas, mas porque muitos púlpitos têm se tornado irrelevantes, e as pessoas estão cansadas de ouvir coisas irrelevantes. De muitos púlpitos o que se ouve são mensagens excessivamente técnicas, destituídas de vida, piedade e aplicação prática, num terrível distanciamento do mundo e de Deus. O radicalismo, seja ele de caráter liberal, carismático ou tradicional, é sempre um pálido substituto da ação de Deus na História.

Ouvimos freqüentemente que estamos vivendo numa sociedade pós-moderna e pós-cristã. Será que estamos realmente numa sociedade pós-moderna? Então, isso significa que o moderno não existe mais? Embora utilizemos o termo “pós-modernismo”<sup>2</sup> neste trabalho, é preciso entender a limitação dele. Não é possível, com o termo em si, por exemplo, definir a data e o sentido exato da mudança.<sup>3</sup> O mundo pós-moderno, de certo

<sup>1</sup> John Stott, *Ouçã o espírito*, p. 246.

<sup>2</sup> Embora devêssemos preferir “pós-modernidade” ao invés de “pós-moderno” ou “pós-modernismo” para evitar mistura de conceitos. O termo “pós-modernismo” é mais aplicado à literatura, arquitetura e artes como estilo próprio. Pós-modernidade tem a ver com a época generalizada.

<sup>3</sup> Antonio Cruz vê o desenvolvimento da ideologia pós-moderna ao longo do século 20: no vitalismo antiintelectualista do começo do século, no existencialismo das décadas 30 a 50, na contracultura dos anos 60 e, finalmente, no atual estágio da pós-modernidade. (Ver Antonio Cruz, *Postmodernidad*, p. 50-52).

modo, ainda é um mundo “moderno”, até porque há muito da filosofia do modernismo atuando hoje. Ou seja, são mundos que se sobrepõem, ou interfaces que convivem. O fim da modernidade e o início da pós-modernidade são períodos sobrepostos e que, talvez, jamais deixem de se sobrepor. Como disse Jencks, o pós-modernismo tem uma filosofia e visão de mundo híbrida, misturada e dialeticamente envolvida com o modernismo.<sup>4</sup>

O caminho mais adequado se quisermos tentar diferenciar “modernidade” de “pós-modernidade” é entender as suas perspectivas a respeito da realidade. No mundo antigo (anterior ao moderno), a eloquência era o grande trunfo dos eruditos. Os filósofos se destacavam porque tinham a autoridade e a habilidade de argumentar sobre as coisas. O mundo moderno rompeu com essa tradição dizendo: “Não me fale sobre algo, mostre-me”. Na essência do modernismo científico, a verdade não era aquilo a respeito do que se podia argumentar, nem aquilo baseado na autoridade de alguém, mas aquilo que se podia comprovar cientificamente. Por isso, os pensadores modernos rejeitaram a autoridade da igreja e dos filósofos antigos em troca das pesquisas experimentais da ciência. A pós-modernidade, por sua vez, desacreditou da razão, pois não a julgou mais capaz de chegar à verdade, até porque a pós-modernidade desacreditou da existência da própria verdade (pelo menos em termos absolutos). Assim, podemos diferenciar essas três visões do mundo como se três pessoas estivessem conversando. A pessoa “antiga” dirá: “Fale-me sobre isso, argumente”. A pessoa moderna dirá “Prove-me com algum experimento verificável”. E a pessoa pós-moderna dirá “É tudo inútil, não dá para ter certeza de nada, eu não estou interessado nisso, deixe-me viver a vida”. Por isso, a palavra chave para o modernismo é “epistemologia” (racional) enquanto que a palavra chave para o pós-modernismo é “ontologia”<sup>5</sup>. Certamente existem pessoas “pós-modernas” em nossos dias, mas é preciso que se entenda que ainda há pessoas “antigas” e “modernas” também. E talvez nenhuma totalmente pura, como a história acima nos mostrou.

Jean-François Lyotard<sup>6</sup> pode ser indicado como o responsável pela introdução do termo “pós-moderno” na pesquisa acadêmica.<sup>7</sup> Entretanto, o termo já era conhecido desde a década de 30.<sup>8</sup> Ele designou mudanças na

<sup>4</sup> Charles Jencks, “What is Post-Modernism?”, p. 478.

<sup>5</sup> Ver essas expressões e comparações em: David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 46.

<sup>6</sup> A definição de Lyotard de pós-modernidade já é clássica: “Simplificando ao extremo, considera-se ‘pós-moderna’ a incredulidade em relação aos metarrelatos” (*Condição pós-moderna*, p. xvi).

<sup>7</sup> Ver Alistair MacGrath, *Paixão pela verdade: a coerência intelectual do evangelicalismo*, p. 137

<sup>8</sup> Ver Margaret Rose, “Defining the post-modern”, p. 119-36.

arte, na arquitetura e na literatura. Hoje, o termo se tornou comum e, embora extremamente discutido, é um conceito amplamente estabelecido, pelo menos como ponto de partida para discussões. Jameson diz que o sucesso da palavra “pós-modernismo” deveria ser escrito em forma de Best-seller, tal foi a capacidade do termo de aglutinar pensamentos e sentimentos.<sup>9</sup> MacGrath entende que o termo “oferece correta avaliação do tom cultural contemporâneo”.<sup>10</sup> Certamente a expressão mais famosa associada ao conceito de pós-modernidade é o relativismo. Ao longo deste livro, paulatinamente, desenvolveremos de forma aplicada os conceitos de pós-modernidade. Mas desde já, podemos deixar nossa impressão generalizada da situação: Pós-modernidade é freqüentemente uma atitude em relação à vida que, sob a capa de uma suposta tolerância e aceitação do “diferente”, esconde o velho orgulho e autonomia humanos.

Quanto ao termo “pós-cristão”, embora o aceitemos com reservas, é preciso entender que, para que a sociedade mundial fosse de fato pós-cristã, ela precisaria ter sido, em algum momento, cristã. Mas isso nunca aconteceu. Apesar de sempre terem existido no mundo cristãos verdadeiros que influenciaram positivamente suas famílias, suas cidades e até mesmo suas gerações, este mundo jamais assimilou o verdadeiro Cristianismo. Todavia, ainda que o mundo nunca tenha sido realmente cristão, por bastante tempo o Cristianismo teve forte influência sobre ele, especialmente sobre o Ocidente. A moralidade cristã preponderou por muito tempo e conseguiu influenciar fortemente a cultura até a segunda metade do século 20. De lá para cá o Ocidente tem se libertado dessas influências e apregoadado novos valores, uma nova moralidade e uma nova religião, os quais são geralmente nada mais do que imoralidade, desvalorização do ser humano e, acima de tudo, paganismo. A cultura secular redescobriu no paganismo o seu verdadeiro habitat natural.

A idéia deste trabalho surgiu dessa necessidade de entender as filosofias e as práticas que têm dominado a sociedade atual e influenciado a igreja cristã. Evidentemente, uma análise exaustiva de algo assim seria impossível, pois nem sempre conseguimos sequer acompanhar o dinamismo do tempo. Nossa busca é a de olhar para o mundo e ver o que está acontecendo e, ao mesmo tempo, olhar para Deus, para sua Palavra, em busca de respostas ou orientações. A idéia não é só destruir o que se apresenta errôneo diante de nossos olhos, mas oferecer uma opção viável para uma vida significativa à luz da Palavra de Deus. Às vezes, os cristãos reformados são chamados de

<sup>9</sup> Fredric Jameson, *Pós-modernismo*, p. 17.

<sup>10</sup> Alister MacGrath, *Paixão pela verdade: a coerência intelectual do evangelicalismo*, p. 137.

“desconstrucionistas”,<sup>11</sup> pois têm grande facilidade em demolir as estruturas de pensamento que consideram erradas; porém, outras vezes, são acusados de não construírem nada.

Precisamos construir uma fé resistente aos ataques do mundo moderno ou pós-moderno, mas não só isso, pois é possível construir uma fé que se torne ainda mais forte e relevante a partir desses ataques. O mundo de nossos dias, com toda a sua confusão, as suas contradições, os seus distúrbios e as suas hostilidades, ainda pode se configurar uma excelente oportunidade para a igreja realizar a obra de Deus e anunciar o evangelho eterno (Ap 14.6).<sup>12</sup>

Esse é o nosso grande desafio. Nosso objetivo aqui não é uma análise acadêmica da pós-modernidade, mas uma avaliação pastoral de seus fenômenos para uma melhor mobilização da igreja, ou talvez devêssemos dizer, para seu melhor posicionamento, o qual Jesus disse que é sobre a mesa e não escondido debaixo dela (Ver Mt 5.15).

---

<sup>11</sup> É claro que não no mesmo sentido que a expressão é aplicada a Derrida, Foucault e outros. Na verdade, esse desconstrucionismo é tipicamente pós-moderno. Grenz diz: “os filósofos pós-modernos aplicaram as teorias do desconstrucionismo literário ao mundo como um todo” (Stanley J. Grenz, *Pós-modernismo*, p. 22).

<sup>12</sup> Mesmo que não fosse, não nos isentaria da responsabilidade de fazer isso.